DOCUMENTO – 38

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. "A ave estranha (uma anedota do reino dos Perus)", de Afonso Henriques de Lima Barreto. S.l., s.d. 8 p. Manuscritas.

I-6, 34, 28

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro
R. 173/1949
I-6, 34, 28

(1)

A ave extranha

(Uma anedocta do reino dos Genios)

Um dia em que o azul do ar translusia e ~~sibilava~~ os seus ~~pascem~~ delgados filetes ~~parallelos de um instrumento~~ vibravam em cordas de violino, ao reino dos Genios, sem que se ~~soub~~ soubesse donde, chegou uma ave estranha.

Era alta e garbosa, leve e esguia. ~~Espargia pelo seu semblante~~ Vinha envolvida numa atmosphera de sonho, de miragem dourada. A doce curva de seu pescoço tomava os mais elegantes impetos para attingir o Céo distante! Rebrilhavam as suas pennas ~~em~~ matizes mais variados e imprevistos, ora, a turquesa das altiras vivia-lhe na plumagem, ora, a esmeralda do Mar serpenteava pelo seu dorso; por toda ella, aqui, alli, pontos, olhos, cruzes, estrellas de saphyras, agathas, ~~de~~ topazios e rubis cruzavam.

Foi grande a surpresa

presa no dominio
do Peris. Cada
qual, não saindo do
circulo de giz em que
desde tempo immemorial
se haviam mettido, ergue-
ram as cabeças inclinadas.
Oh espan-
to! Oh terror! A ave não
se parecia com elles.
Não tinha as pennas ne-
gras de brilho esverdinha-
do; movia-se em todos
os sentidos; os traços de
giz não suspendiam
seus passos. Mal pou-
sou em terra, familiarmen-
te como se de ha muito
conhecesse o artista, poz-se
a fallar, a commentar,
com liberdade, com se-
gurança. Não tinha
medo nem das palavras
nem das idéas nem dos outros peris,
os maiores que elles
diziam existir, podiam.
Era Tolerante: sabia a gran-
de variabilidade das cousas,
a maneira diversa que cada
qual pode comprehendel-as.
Mas os peris não se po-
diam capacitar que o
mesmo objecto visto
por duas pessoas

Quem tinha lettra
bonita, escrevia
as verdades, e
na lettra já boni-
ta estava o im-
perativo categorico.
O mundo era a região,
para elles, igual, medi-
do, não tinha differen-
ças, não tinha mancha,
era uma cousa admi-
ravel. O mundo,
já lá dizia o
philosopho, é a
illusão do nosso
entendimento.
O espanto foi contido e
com falsas vozes de
amigo, os Bem inda-
garam:
— D'onde vens?
— De longe. Atravessei
mares, lagos, rios e minhas
azas que vezes roçaram
na cabelleira verdoenga
das florestas. Vi o ~~phosph~~
azul phosphorecente do mar
dos tropicos, os adustos
areias da Asia, a gamma
de fogo do Himalaya, do
lotus sacro, Vi pagodes, embalsamos
palacios. Os boulevards de
Paris, os jardins de Londres

e as nascentes do Nilo
encantaram alternativa-
mente meus olhos. Raças
puras, famílias, de
côr e de sangue
mui varias amei

BIBL. NAC. do RIO de JAN.
SECÇÃO de MSS.

Florencia continuando

E a preta velha conta-
va historias da sua vida
soffrida a mulatinha
que a ouvia. Variava
de assumpto. Ora
uma lenda de Ituyum
entoado, ora uma abas-
tardo canto engen, e em
geral episodios da escravidão,
do trafico etc.

Sua historia

Negocios da Guerra

de Abril de 1905

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

e Estado da Justiça e Ne-

-

de vosso Aviso nº 50 de

ltimo,

Doc. 887 LIMA (BARRETO)

escondi-me nos pagens, fiz-me asceta, soffri fomes, privações de toda a ordem, o frio e o calor, alternativamente, requeimaram-me a pelle. Mas ... só, tinha os olhos encantados, nada do mundo me ficou a ver e vim tambem ás Vs.

Dizendo isso, um peixe levantou-se. Tinha um longo escamo, — e quanto mais mais lindo tem entre elles —, sopesando o peso della erguendo-se dando os estremos sacramentaes e gritou

— Mas V. não canta
— Como não canto!
E ave pôz-se a cantar.

despertá ~~da~~ dous
modos de ver diffe-
rentes. ~~Elles viam a~~
~~primeiro as folhas~~
Para elles toda a
arvore era verde,
todo verde era a
um só, ~~Os homens~~
~~são iguaes, pensa-~~
~~vam de uma mesma~~
~~maneira, eram~~
~~do~~ isso nascia
da reflexão da sua
natureza intima.
Todos eram iguaes, do
mesmo peso, ~~da~~ a
mesma vez, um mesmo
gosto; as differen-
ças que, porventura,
se lhe ~~pudessem~~
dar o nascimento
os annos lhe tiravam.
~~Não~~ Sabiam ensinar
mas só de um modo,
sabiam pensar mas
só de um modo, não
admittiam a duvida.
Era certo ~~o~~ que diziam
era exacto o representa-
vam. Paravam nas palavras.
não iam aos pensamentos.
E a lettra? Ah! a lettra!
~~Uma lettra feita dum~~

Um dia, um bello dia em que o ar ~~vibrava~~ tranluzia como crystal e vibrava como as cordas de um violino, ao reino dos Pavões chegou uma ave estranha. Era alta e garbosa, leve e esguia. Perpassava por ella toda uma duvida ~~[illegible]~~ atmosphera de sonho, de miragem doirada. A curva ~~[illegible]~~ doce de seu pescoço ~~[illegible]~~ tomava ~~os~~ os mais elegantes impetos para attingir o céo. Suas pennas rebrilhavam em matizes os mais varios e imprevistos. Ora era a turqueza das alturas que ella vivia na plumagem, ora a esmeralda do mar ~~[illegible]~~ brilhava nas pennas em ondas, por toda ella, aqui, alli, como olhos em orbitas, as agathas, as saphyras, os topazios e os rubis ~~agitavam~~ cintilavam. Os pavões, em começo, fingiram ignoral-a, saíram todos de dentro do circulo de giz (Oh! ~~[illegible]~~ admiravel caso!) e foram a interrogal-a:

— D'onde vens?

— De longe. Atravessei mares, lagos, rios, florestas. Vi a phosphorescencia azulada do mar dos tropicos, as adustas planicies da Africa, a gamma de fogo dos volcões da terra. Vi ~~[illegible]~~ as pagodes da India, as casas leves da China, os boulevards de Paris. Amei tudo. Vivi na manga, no pecego, no morango e na laranja. Raças, povos, familias, ~~de matizes~~ de gostos e feições diversas fizeram o encanto dos meus olhos. Tornei indigestões, bebedeiras,